

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALEXSANDRO FERREIRA BARROS

**TURMAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
ESTUDO A PARTIR DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA NA ÁREA**

Campinas
2009

Alexsandro Ferreira Barros

**TURMAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO A PARTIR DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Graduação da Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Licenciado em
Educação Física

Orientadora: Helena Altmann

Campinas 2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA

BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

B278e Barros, Alexsandro Ferreira.
Turmas mistas na educação física: um estudo a partir da produção científica na área / Alexsandro Ferreira Barros -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientadora: Helena Altmann.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Gênero. 2. Educação Física. 3. Pesquisa. 4. Modelo educativo nacional. I. Altmann, Helena. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Study of scientific production on gender in physical education

Palavras-chave em inglês (Keywords): Genre; Physical Education; Research; National educational model.

Banca Examinadora: Carmen Lúcia Soares; Helena Altman.

Data da defesa: 10/12/2009.

ALEXSANDRO FERREIRA BARROS

**TURMAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO A PARTIR DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA**

Este exemplar corresponde à redação final da Monografia de graduação defendida por Alexandro Ferreira Barros e aprovada pela Comissão julgadora em 10/12/2009.

Helena Altmann

Orientadora

Carmen Lúcia Soares

Banca

Campinas

2009

*Dedico este trabalho a
Deus e a meus pais
com todo carinho.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora, Profa. Dra. Helena Altmann por sua paciência principalmente e pela dedicação durante este curto período em que fui orientado.

Também gostaria de agradecer a banca, por participar e opinar neste trabalho dando sua honrosa contribuição.

Gostaria de agradecer aos meus amigos da faculdade, poucos, porém bons.

Agradeço o apoio da minha família, em especial ao Eduardo, meu padastro, que sempre me deu oportunidades. Um verdadeiro pai.

E a Sarah, companheira que me ajudou quando não tinha forças e sempre me conduz ao caminho da luz. Você é meu anjo.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Obrigado!

BARROS, F. Alexandro, Turmas mistas na educação física: um estudo a partir da produção científica na área . 2009. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

RESUMO

Esta monografia estuda a produção científica em educação física, sobre turmas mistas. A partir levantamento de pesquisas sobre o tema feito por Louzada et. al. (2007) foram analisados 11 trabalhos sobre o tema. Foi identificado um pólo de produção científica no Brasil, a Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro. A dificuldade em encontrar publicações na área mostra que pouco é debatido por docentes e discentes, dificultando meninos e meninas atravessarem a preconceituosa barreira de gênero. A inexistência de pesquisas sobre o ensino médio mostra lacunas na produção na área.

Demonstrei através de dados de pesquisas acadêmicas anteriores que aulas de educação física são muito mais freqüentemente realizadas separando os sexos do que juntos e que isso é um fato histórico e cultural no Brasil. Essa cultura que insiste em manter turmas separadas exclusivamente pelo sexo com justificativa no melhor desempenho esportivo em detrimento de um convívio mutuo entre alunos e alunas, faz com que cada vez mais meninos e meninas mantenham seus pensamentos preconceituosos e desigualdades entre sexos nos ambientes profissionais e pessoais.

Palavras chaves: gênero; educação física; pesquisa; modelo educacional no Brasil

BARROS, F. Alexsandro, Estudo Turmas mistas na educação física: um estudo a partir da produção científica na área . 2009. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

ABSTRACT

This monograph examines the scientific production in physical education, on mixed classes. From survey research on the subject done by Louzada et. al. (2007) analyzed 11 studies on the subject. We identified a cluster of scientific production in Brazil, the Universidade Gama Filho in Rio de Janeiro. The inability to find publications in the area shows that little is discussed by teachers and students, making boys and girls cross the barrier biased gênero. A lack of research on high school shows gaps in production in the area.

Demonstrated by data from previous academic research that physical education classes are much more frequently performed by separating the sexes together and that this is a historical and cultural context in Brazil. This culture that insists on maintaining separate classes only justification for sex with the best sporting performance rather than a mutual coexistence between boys and girls, means that more boys and girls keep their thoughts biased and gender disparities in a professional and personal .

Key words: genre; Physical Education (P.E.); search scientific production; educational model in Brazil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 mapa distribuição geográfica da produção científica sobre turmas mistas no Brasil

19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Produção científica sobre turmas mistas classificada por autor	17
Tabela 2- Local e data da produção científica sobre turmas mistas no Brasil	18
Tabela 3 - Posicionamento dos autores sobre aulas mistas	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VISÃO GERAL DA PRODUÇÃO NA AREA 2	15
3 RESUMOS DAS PESQUISAS BASES	20
4 ANALISE TEMATICAS A PARTIR DE ALGUNS TEMAS	36
4.1 Separação	37
4.2 Conteúdo	40
4.3 Vantagens e desvantagens de aulas mistas	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6 REFERÊNCIAS	45
7 ANEXO 1 - Resumos das 11 pesquisas	48

1 INTRODUÇÃO

Quando o professor separa meninos e meninas, estabelece uma divisão entre extremos no gênero. Ele considera que somente as diferenças de gênero são importantes. A aula acaba dizendo aos alunos que eles não têm a possibilidade de cruzar fronteiras de gênero e eliminam com antecedência a possibilidade dos jovens escolherem se querem ficar juntos ou separados. ALTMANN, 1998, p.87

Durante meu estágio acadêmico, o contato com aulas de educação física em escolas fundamentais da rede pública fez-me ver como são construídas as aulas de educação física e como a realidade é diferente da proposta pedagógica que aprendi na graduação em educação física.

Questionava-me o porquê a distribuição dos alunos por sexo durante a execução das atividades físicas e até mesmo durante os recreios e intervalos. Por que aulas de educação física são separadas por sexo? Por que turmas mistas são raras e acontecem em caráter de exceção?

Começo em minha infância, onde no início da década de 90, aos meus aproximadamente sete anos, iniciava a novidade: - aulas de educação física. Elas eram separadas para meninos e meninas devido ao caráter da formação militar de meu professor. Sendo um aluno magro e com poucas habilidades motoras trabalhadas, ficava difícil acompanhar o ritmo das aulas, contudo, sempre me esforçava muito, pois, com um professor “linha dura”, certamente, se não conseguisse acompanhar os exercícios quase que em ritmo de desfile militar, seria motivo de risos por parte dos alunos e deboche por parte do docente.

Anos e anos se passam, e eu continuava excluído dos esportes coletivos escolares devido a pouca habilidade física e motora (descubro que gênero não é a única forma de

separação) e as meninas continuavam separadas da turma por pouca vontade do professor em se atrever a sair da rotina e apresentar algo que unisse e motivasse os/as estudantes.

Anos mais tarde, a vontade em ser professor aflora e resolvo então fazer graduação em educação física. Embora, nos primeiros anos de graduação, tenha me afastado da licenciatura devido aos inúmeros ramos da área, onde trabalhei com academias de musculação e ginástica laboral em empresas, no último ano, faço disciplina de estágio em escolas públicas de ensino fundamental e ensino médio e percebo que pouco mudou.

Em minha mente, fica o pensamento de que anos se passaram e as aulas de educação física ficaram “maquiadas”: o caráter militar já não existe mais, porém o culto exclusivo à aptidão física do esporte, continua a produzir a separação dos sexos. Então resolvo estudar e pesquisar o porquê. Por que as aulas de educação física pouco mudaram no que se refere a separação de meninos e meninas? Existe algo na história que poderia clarear essas minhas perguntas? O que a produziu-se de conhecimento na educação física a esse respeito?

A educação física historicamente teve como objetivos a aptidão física e o desempenho, mas na atualidade, existe uma diversidade de conteúdos e objetivos. Há décadas atrás, recomendava-se para as atividades físicas a separação de alunos e alunas por sexo, atualmente isso não há consenso em torno dessa questão. Mas a grande polêmica sobre o que é mais indicado existe: separar ou unir os alunos por sexo nas aulas de educação física.

Através de uma disciplina na graduação, tenho contato com um artigo científico publicado na Revista Brasileira de Ciência do Esporte intitulado “Representações de docente acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física” (LOUZADA et. al., 2007). Esta pesquisa analisa a temática da distribuição de alunos/as por sexo nas aulas de educação física a partir de teses e dissertações produzidas sobre o tema entre 1990 e 2004. Esse artigo serve de base para o desenvolvimento de meu trabalho de conclusão do curso, pois ele identifica a produção de teses de doutorado e

dissertações de mestrados sobre o tema. A análise dessas obras levam os autores a afirmar que a produção acadêmica no campo da educação física ao longo da década de 1990 e início da década de 2000 é favorável a aulas mistas ou co-educativas de educação física, o que não coincide com a opinião de professores e professoras que atuam em escolas. A monografia de final de curso aqui apresentada, utiliza a seleção de pesquisas apresentada nesse artigo, para refletir sobre as turmas mistas em aulas de educação física. Após uma análise geral da produção, três temas foram selecionados para um maior aprofundamento: separação, conteúdos e vantagens e desvantagens de aulas mistas.

Assim o objetivo desta monografia de conclusão de curso é apresentar e analisar alguns trabalhos contemporâneos que abordam a distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física.

Analisei algumas teses e dissertações mostrando pontos em comum e diferenças com a temática relacionada.

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo baseado em uma análise documental das dissertações e teses que incidiam sobre a temática. Como metodologia adotei a análise de conteúdo

A intenção da pesquisa foi:

- I) Conhecer as análises dos pesquisadores;
- II) Avaliar cada pesquisa, levando em consideração a teoria pedagógica da mesma;
- III) Com base no que foi estudado, propor idéias minhas e avançar nessa questão.

2 VISÃO GERAL DA PRODUÇÃO NA AREA

Após uma análise da produção acadêmica na educação física sobre a temática das turmas mistas, o artigo Louzada et al (2007) identificou 11 obras: três teses de doutorado, cinco dissertações de mestrado e um livro baseado em um doutorado sobre o tema. São elas:

ABREU, N. G. **Meninos pra cá, meninas pra lá.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF. 1990.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SARAIVA M. C. S. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SOUZA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A historia do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994).** Campinas. 1994.

FERREIRA, J. L. **As relações de gênero nas aulas de educação física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, João Pessoa, 1996.

OLIVEIRA, G. K. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais.** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** UFMG, Belo Horizonte, 1998

VERBENA, E. C. G. **Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2001.

DUARTE, C. P. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA, S. A. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

DEVIDE, F. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos.** Ijuí: Unijuí, 2005.

Como estratégia metodológica, nesta monografia, optamos por fazer uma análise geral sobre as 11 teses, a partir de suas referências bibliográficas, resumo e outras informações buscadas na internet. A partir dessa análise, a tabela1 foi produzida. Os resumos dessas 11 pesquisas estão no anexo 1.

Tabela 1 produção científica sobre turmas mistas classificada por autor

AUTOR	Ano	Universidade	UF	Orientador (a)	Título	Metodologia	Faixa etária	Temas abordados	Conteúdos analisadas
ABREU, N.	1990	UGF-Educação física	RJ	VOTRE, S.J.	Meninos prá cá, Menina prá lá	Entrevistas e questionário	Fundamental II	Opinião docentes e discentes	Esportes, Jogos e brincadeiras
ALTMANN, H.	1998	UFMG- educação	MG	SOUZA, E.	Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física	Etnografia e entrevistas	Fundamental II	Ocupação do espaço físico escolar; Exclusão nos esportes, jogos e brincadeiras	Esportes, Jogos e brincadeiras
DEVIDE, F.	2005	UNIJUÍ-	RS	Livro	Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos	Revisão bibliográfica		História das mulheres nos jogos olímpicos modernos	Esporte
DUARTE, C. P	2003	UGF-Educação Física	RJ	MOURÃO, L.	O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física	Estudo de caso		Crítérios seleção aulas mistas	Jogos e esportes
FERREIRA, J. L	1996	UFPA-Educação	PA	TAFFAREL, C.N.Z.	As Relações de Gênero nas aulas de Educação Física: estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande	Estudo de caso	Fundamental II	Professor utilizando turmas mistas para transformar a sociedade	Esportes
OLIVEIRA, G.K.	1996	UNICAMP Educação física	SP	WINTERSTEIN, P.	Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais	Testes e entrevistas	Fundamental II	Aulas mistas e o rendimento motor	Esportes e jogos
PEREIRA, S. A	2004	UGF-Educação física	RJ	MOURÃO, L.	O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras	Estudo de caso	Fundamental II	Estereótipos sociais dentro das aulas	Jogos
ROMERO, E.	1990	USP- psicologia	SP	ANGELINI, A.	Esteretótipos masculinos e femininos em professores de educação física	Entrevistas	Fundamental I e II	Estimulação meninos e submissão meninas	Esportes
SARAIVA, M. C. S	1993	UFSC- educação	SC	FLEURI, R.N.	Quando a diferença é mito: análise da socialização específica para os sexos na Educação Física e no Esporte	Revisão bibliográfica	Fundamental II	Discriminação entre meninos e meninas	Esporte.
SOUZA, E.	1994	UNICAMP educação	SP	AVELAR, L.	Meninos, à marcha! Meninos à sombra! História do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte	História social	Crianças e adolescentes	História da educação física	Esportes
VERBENA, E. C. G.	2001	UCB- Motricidad e humana	RJ	ROMERO, E.	Esporte e gênero: representações entre estudantes da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora"	Entrevistas; estudo de caso	Adolescentes	Conteúdo machista no esporte	Esportes

Ao iniciar minha pesquisa na área, sobre a produção científica no Brasil, percebo, de imediato, algo semelhante ao percebido enquanto aluno de graduação: poucos docentes têm acesso a essa temática e pouco é discutido entre professores e alunos durante a construção das aulas de educação física.

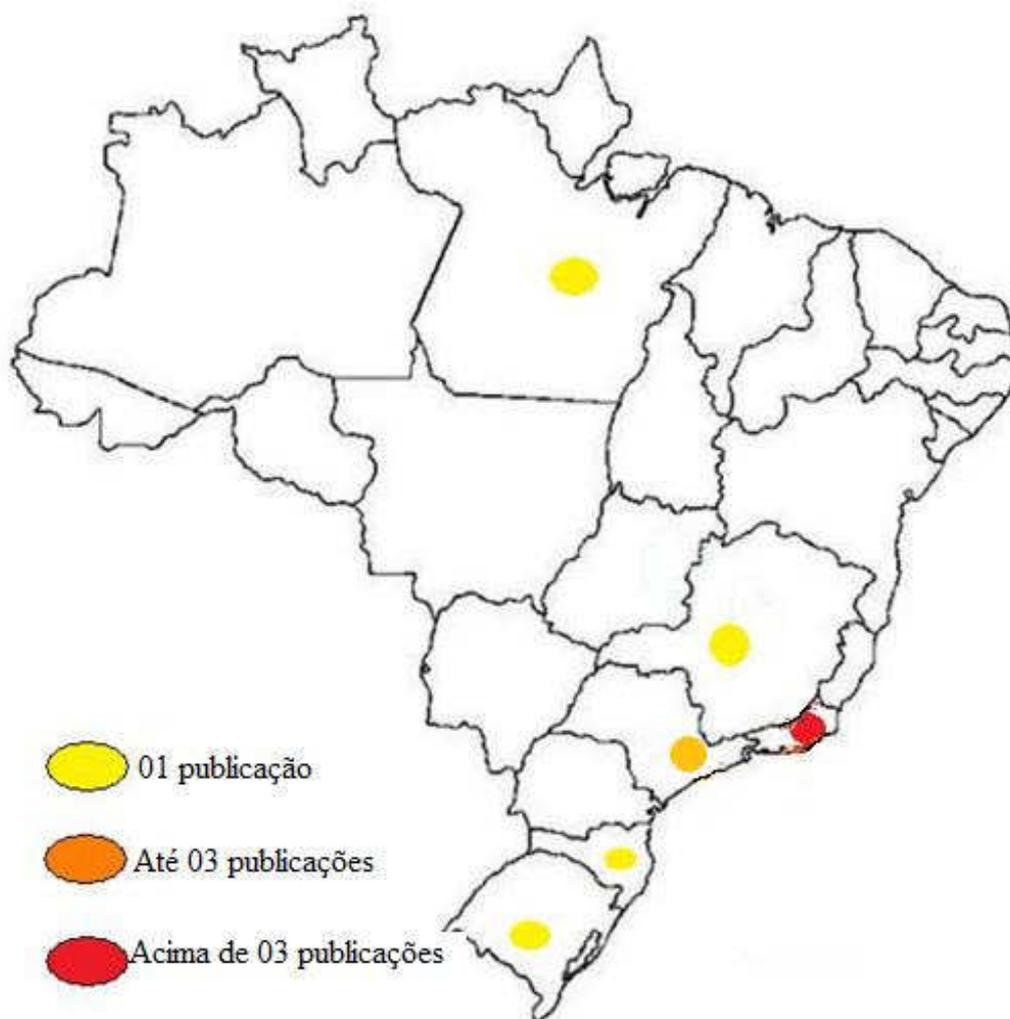
Outra constatação foi a lacuna que encontrei nos trabalhos científicos analisados, onde em nenhum momento foi feita pesquisa, análise ou estudo e caso no ensino médio.

Algo interessante foi descobrir um pólo de produção sobre o assunto no sudeste, onde quem mais se destacou foi o Rio de Janeiro com a Universidade Gama Filho, como aparece na tabela e mapa abaixo.

Tabela 2 Local e data da produção científica sobre turmas mistas no Brasil.

AUTOR	ANO	UNIVERSIDADE	LOCAL
ABREU, N.	1990	UGF	RJ
ROMERO, E.	1990	USP	SP
SARAIVA- M. C. S	1993	UFSC	SC
SOUZA, E.	1994	UNICAMP	SP
FERREIRA, J. L	1996	UFPA	PA
OLIVEIRA, G.K.	1996	UNICAMP	SP
ALTMANN, H.	1998	UFMG	MG
VERBENA, E. C. G.	2001	UCB	RJ
DUARTE, C. P	2003	UGF	RJ
PEREIRA, S. A	2004	UGF	RJ
DEVIDE, F.	2005	UNIJUÍ	RS

Figura 1 mapa distribuição geográfica da produção científica sobre turmas mistas no Brasil



RESUMOS DAS PESQUISAS BASES

Foi escolhido como plano de fundo 04 pesquisas (03 mestrados e 01 doutorado) que foram produzidas depois da década de 90. A tese da Eustáquia Salvador de Souza (1994), estudo pioneiro sobre gênero na educação física, e que também permitiu contextualizar historicamente a educação física. A dissertação da Greice Kelly de Oliveira (1996) foi selecionada por ser uma pesquisa comparativa entre aulas mistas e separadas por sexo, observando se há ganho de habilidades físicas, motoras e sociais de um tipo de aula sobre outra. A escolha da dissertação da Helena Altmann (1998) deveu-se ao fato de ser uma pesquisa etnográfica de referência na área, onde ela passa meses dentro de uma escola estudando as relações de gênero nas aulas de educação física e em outros espaços escolares. Essa pesquisa também foi apontada por Louzada et. al. (2007) como a única que se posiciona de forma relativa frente às aulas serem mistas ou não. Por fim, a dissertação da Neíse Gaudêncio Abreu (1990) foi analisada por ser a primeira a tratar especificamente sobre a separação de meninas e meninos nas aulas de educação física, embora não tenha ainda utilizado o conceito de gênero nas suas análises. Ela entrevista alunos(as) e professores procurando entender o porque dos docentes escolherem um tipo de aula ou outro.

Meninos, a marcha! Meninas, a sombra!

Eustáquia Salvador de Souza

Por que a educação física é a única disciplina do currículo escolar que é ensinada a homens e mulheres separadamente?

Essa pergunta leva a autora pesquisar a história da educação física em Belo Horizonte de 1897 a 1994. Esse estudo contemplou quatro escolas públicas de 1º e 2º grau e três particulares sendo duas católicas e uma metodista. Os documentos escritos, orais e iconográficos revelaram que a escola vem mantendo a separação e a hierarquização entre as mulheres e homens. Tais valores são articulados e orientados

por um sistema de instituições e organizações que inclui especialmente o estado, a medicina, o exército, a igreja católica, a família e a indústria cultural.

A ação pedagógica na educação física, contribuindo para a coisificação do corpo, participa da construção social dos sujeitos masculinos e femininos, e da castração do sentido de totalidade corpo dos sujeitos – homens e mulheres.

Por que a educação física? Por que a educação física é a única disciplina do currículo escolar que é ensinada a homens e mulheres separadamente? Quais são as intenções e fatores que sugeriam tanto a separação de alunos e alunas?

Ao final do séc. XIX era fundada a cidade de Belo Horizonte. Criada a luz dos ideais da recém proclamada republica.

Devido à crise financeira nacional, no final daquele século, o governo mineiro incorporou uma reforma a qual incluía a educacional, a fim de poupar gastos. Com isso, foram retirando algumas matérias do currículo do ensino primário e normal, como as ciências humanas, artes, os exercícios ginásticos. Ginástica e evoluções militares – que compunham o currículo nacional - apenas para os homens conforme determinado na reforma educacional efetuada por Affonso Augusto Moreira Penna implantada em 1892.

Em 1906, João Pinheiro da Silva, um republicano da elite mineira reintroduziu exercícios físico no currículo de ensino primário de Minas Gerais. Disciplina que no final da década de 1920 passou a denominar se educação física.

A inclusão da ginástica no currículo escolar, que já era adotada nos países mais desenvolvidos era justificada na prevenção e até cura dos “padecimentos nervosos e dos hábitos perigosos da infância” (SOARES, 1994, p.48). Essa concepção que vinha dos países europeus apresentava-se como capaz de não apenas corrigir os vícios do trabalho, mas também de disciplina, regenerar a raça, promover a saúde, a vontade e a força, necessária à pátria e a indústria. Além disso, a ginástica era considerada como forma privilegiada de se desenvolver a moral burguesa que era uma intervenção nas tradições e nos costumes.

A educação física de Minas Gerais, anos mais tarde, começava a contemplar a atividade física também para meninas. No entanto, era necessário distinguir

movimentos de homens e mulheres. Aos homens, a precisão, a decisão e a energia dos movimentos militares, constituíam um excelente meio de cultivo das forças corpóreas, um dos fatores eficazes na educação do caráter viril. Já as mulheres, deviam executar exercícios calistênicos para possibilitar um desenvolvimento muscular simétrico, que não prejudicaria a doçura dos gestos, das maneiras, da graça, elegância e da bela harmonia das formas femininas. Além disso, os exercícios físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir sua missão da maternidade e a beleza para exercer seus papéis de esposas, funções exercidas a sombra do lar e dos homens.

Todo o pudor corporal valorizado pela sociedade de Belo Horizonte não impedia que os jogos fossem pouco a pouco introduzidos na escola normal. Esses jogos estimulavam competição entre alunas, e quem se destacava recebiam notas especiais de aproveitamento (distinguissem como atletas).

As expansões dos movimentos da mulher através da ginástica e dos jogos confrontavam com a imagem idealizada da igreja católica, pelo positivismo e a tão valorizada sociedade da época. Um dilema, já que a atividade física era inicialmente preparatória para a mulher fazer o papel que lhe era reservado na sociedade: ser mãe e esposa.

Na década de 1930, o conteúdo da educação física ministrado no ensino ginásial apresentava características militares, fundamentadas no método ginástico Alemão, método Francês de Amoros e também na nova ginástica Sueca. Nessa mesma época foi intensificada a ginástica, pois havia a preocupação com o contínuo e crescente interesse no jogo (futebol, basquetebol) e o receio da sociedade quanto aos vícios provocados por eles.

Entre as décadas de 1930 a 1940, força, beleza e disciplina eram os ideais do modelo liberal de educação – a escola nova. Essa política liberal colocava em seus ideais a co-educação, mantendo homens e mulheres em pé de igualdade tornando mais econômica a organização da obra e mais fácil a sua graduação. A igreja católica condenou a escola primária de turmas mistas, e por vários anos, gerou polêmica na sociedade Belo Horizontina.

As características biológicas e de capacidade intelectual de cada sexo eram utilizadas como argumento contra as turmas mistas. O Papa Pio XI afirmava que:

“errôneo e pernicioso a educação christã é o método da coeducação baseado também para muitos no naturalismo negador do pecado original, e ainda para todos os defensores deste methodo, sobre uma deplorável confusão de idéias que confunde a legitima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora. O creador ordenou e dispôs a convivência perfeita dos dois sexos somente na unidade do matrimonio e gradualmente distincta na família e na sociedade.” (SOUZA, 1994, p. 86)

Essa crítica era explicita aos defensores da co-educação, um dos princípios do naturalismo pedagógico. A reforma Francisco Campos distinguiu o professor de cultura physica dos demais (denominação educação física na década de 1930). Na escola primaria mista eram destacadas as diferenças das crianças e, embora um programa só para ambos os sexos, a disciplina exercícios físicos continuavam explicitamente separando meninos e meninas.

Nos anos subseqüentes (depois da década de 1950), os professores de educação física obtinham treinamento do governo do estado para dar continuidade a aulas, que agora incluíam aspectos fisiológicos e cinesiológicos. Logo os docentes iam de instrutor militar a professores de educação física.

Após o golpe militar de 64, o governo brasileiro centrou esforços no sentido de criar e manter cursos superiores de formação docente para o ensino de educação física nas escolas de todos os graus do país.

É fundada a EEFMG (Escola de Educação Física de Minas Gerais) em 1969 que mais tarde, devido a dificuldades financeiras, foi incorporada a UFMG.

No final dos anos 60 já com as turmas “mistas”, já que as aulas se organizavam em masculinas e femininas e existiam professor para meninos e professora para meninas. O ensino misto com turmas separadas não era exclusividade de Minas Gerais, Europa, América e restante do Brasil também adotavam o mesmo critério.

Em 1962, o conselho federal de educação aprovou o primeiro currículo mínimo do curso superior de educação física, estabelecendo matérias obrigatórias e,

ao mesmo tempo determinado que poderiam ser excluídas as que fossem consideradas inadequadas ao sexo do estudante(BRASIL. MEC. CEF, parecer n°298, 17 de nov.1962.

Logo, no período de 1952 a 1970, os professores eram formados em um local comum, mas as escolas se dividiam em espaços para cada sexo. E, embora tivessem um núcleo comum, diferenciavam nos gestos ensinados a cada um deles, reafirmando a imagens de homem e mulher culturalmente estabelecidos pela sociedade.

A educação física ensinada a docentes continham a separação por sexo, portanto, nas escolas primaria e secundaria fazia-se presente também.

“Mudam se o espaço e tempo ficam se os valores” (SOUZA, 1994, p.176.), afirma a autora referindo-se a década de 1970 a 1990.

...homens e mulheres em Belo Horizonte , desde o inicio desse século, vieram sendo separados para aulas de exercícios físicos, cujos conteúdos sequer caracterizavam-se como competitivos. Dessa maneira, não seria o esporte moderno o causador de tal separação e suas normas estariam, apenas, legalizando e reforçando valores, anteriormente instalados. (SOUZA, 1994, p. 182.)

A educação física, através do decreto n.69.450 decretada pelo presidente Médici, obrigava a educação física em todos os ensinos, até o superior, com o propósito de aprimoramento da aptidão física e integração do estudante ao campus universitário, consolidando o sentimento comunitário e de nacionalidade. Para o ensino dessa disciplina(esportes), foi estabelecidos padrões de referencia com alunos de mesmo sexo e de preferência com o mesmo nível de aptidão física.

Em relação à separação por sexo, a década de 1970 pouco se diferenciou de 1930, pois mantiveram turmas mistas para o ensino primário e separação dos sexos nos outros níveis. Até a metade da década de 1980, as turmas eram separadas por sexo, não existiam estudos e questionamentos sobre o assunto. Era tratado da mesma forma que se tinha introduzido e justificado pelas bases biológicas entre homens e mulheres.

Pela força da lei de 1987, que implantava aulas mistas, o final da década de 1980 e inicio da década de 1990, intensificou o discussão sobre turmas mistas. Estudos americanos dessa época mostravam que as respostas fisiológicas e

bioquímicas ao exercício físico eram praticamente idênticas entre homens e mulheres, diferenciando-se na magnitude e não na função fisiológica e mecânica.

Os docentes passaram a questionar a o papel sociocultural e político da disciplina ao longo da historia. Houve um aprofundamento nas discussões de valores da ação pedagógica o que incluía as relações de gênero.

No intuito de compreender a educação física contemporânea, esta obra faz uma busca histórica olhando atentamente a os aspectos sociais como um todo. Com os dados a disposição da autora, ela ressalta aspectos básicos como a perpetuação do sexismo e da dominação masculina como um todo, seja na educação física ou na escola.

Dentro da escola, a ação pedagógica da educação física contribui com a coisificação do corpo, participando da construção de uma sociedade que reforça e perpetua valores, destacando as diferenças de hierarquia entre homens e mulheres. Na justificativa do sexismo, a educação física fundamenta se no biológico deixando as mulheres mais “fracas”, reforçando o poder dos homens sobre elas.

Os anos 1990, revelaram a polemica sobre questão de gênero em nível docente e discente. Entretanto, a Ginástica rítmica desportiva que poderia ser uma experiência interessante para os dois sexos, já que possibilita a interação do corpo em aparelhos que exploram os limites espaciais e temporais, passa a ser avaliado pelos gestos sexistas.

A história aparentemente mudou, antes encontrávamos homens no ambiente externo (público) e as mulheres em ambiente interno (privado). A autora comenta que, na atualidade (1994), as mulheres são exigidas para vencerem os obstáculos da competição do mundo afora. Entretanto não poderiam perder sua graça e beleza para encantar o forte, como já dizia Rousseau(1973).

Os dados mostram que as mudanças não constituem transformações fortes. Na verdade até ao contrario, pois atrás dos discursos da igualdade entre homens e mulheres, esconde se a manutenção da hierarquia expressas nos gestos masculinos e femininos. O sonho de igualdade dos discursos feministas vem tropeçando no impossível, já que a mulher tem que ser ao mesmo tempo feminina e masculina.

Eutáquia Souza conclui seu texto com a seguinte reflexão:

“Meninos, à marcha... e meninos, à sombra...

Essa história continuará se repetindo?...”

Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais.

Greice Kelly de Oliveira

A autora começa sua introdução com a polêmica da educação física escolar contemporânea em impor a formação de turmas mistas para escolas públicas e particulares. Diz-se também preocupada, pois, a seu ver, essa proposta de turmas mistas tem propósitos muito mais econômicos e administrativos do que pedagógico.

A preocupação da autora surgiu quando esta estava cursando seu último ano de educação física (1989) e lecionava em uma escola estadual e observava as diferenças entre meninos/meninas. A separação das turmas por sexo tinha como única justificativa a melhora do desempenho esportivo. (que era a grande preocupação da época). Os conflitos entre meninos e meninas traziam certo amadurecimento e integração no que se refere ao relacionamento social. Podendo as turmas mistas trazer oportunidades de desenvolvimento de relações de gênero e interpessoais.

Com o intuito de achar respostas que auxiliassem no estudo dessa questão, a autora propôs-se a trabalhar com a hipótese que a educação física organizada pela separação por sexo dos alunos não influencia no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras. Para isso, ela analisou: - capacidades físicas: força abdominal, força dos membros superiores, agilidade e flexibilidade; – capacidades motoras: arremesso com e sem apoio, drible e passe; e de alguns aspectos sociais como o relacionamento com sexo oposto, e a visão dos alunos quanto a capacidade do sexo oposto como preconceitos e estereótipos de gênero nas brincadeiras e pensamentos em turmas baseadas no sexo.

A metodologia utilizada pela pesquisadora foi pesquisa de campo realizada em escolas estaduais com alunos de quinta a oitava série (onze a quinze anos) na cidade de Guarulhos.

A intenção não é discutir se homens sofrem mais ou menos efeitos de modificações que estão acontecendo, e sim, estudar hoje relações humanas que colocam de lado as desigualdades e aceite as diferenças. Diferenças sem hierarquia.

Se a palavra gênero for interpretada na forma literal, significaria indivíduos de sexo diferentes. Mas um estudo um pouco mais detalhado poderia dar outros significados. Como por exemplo APPEL (1987, p.22) ... “sexo é culturalmente construído”. Ou dizer que gênero é “um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT 1990 p 14).

O sexo é definido sem duvida, como uma característica muito importante em termos de desenvolvimento da criança; determina em grande parte que tipo de pessoa será, que roupas vestirá, quais os brinquedos preferidos, as oportunidades profissionais e o papel familiar que vai desempenhar na vida adulta. Ser homem ou ser mulher é fundamentalmente diferente em nossa cultura onde os papéis sexuais são ainda prescritos com muita rigidez (Graciano, 1978,p.93)

Nossa cultura diz o que é adequado para um sexo e para o outro e na disciplina educação física, a atividade não deveria ser condicionada ao sexo e em muitos casos vemos professores de educação física justificando as desigualdades pelo fator biológico e reforçando estereótipos de gênero onde meninos são corajosos, independentes fortes(física e emocionalmente), e de meninas frágeis, dependentes e inseguras.

Kunz (1993, p.07) afirma que “ a separação de sexos com turmas de educação física tem sido uma tradição , não uma determinação legal”.

Testes de capacidades físicas

Forma feitos teste de flexibilidade, teste de força abdominal e teste de força dos membros superiores

Testes de habilidade motora

Foram feitos avaliações de drible, passe, arremesso com apoio e arremesso sem apoio.

Avaliação dos aspectos sociais

Entrevista dirigida – perguntas precisas, ordenadas e pré-estabelecidas

Entrevista guiada – o entrevistador é quem guia explorando as respostas e não possuem ordem pré-estabelecida.

Entrevista não diretiva – o entrevistado coloca se da maneira que quiser e o entrevistador apenas orienta.

Das capacidades física e habilidades motoras.

Dentre as habilidades motoras, as que mais apresentaram maior evolução foi a agilidade (passe e drible) e a que menos foi a flexibilidade.

Através da comparação entre os resultados da evolução das turmas mistas e separadas por sexo pôde se concluir que não se pode estabelecer dependência direta dos resultados do desenvolvimento dos aspectos motores.

Algumas poucas diferenças foram verificadas, no entanto, de maneira geral não evidenciaram efetivamente que turma mistas ou separadas obteve melhores resultados na maioria das variáveis.

Portanto, desculpa ou justificativa de que turmas mistas de educação física prejudicam o desenvolvimento dos aspectos motores dos alunos não foi confirmado pelos resultados desta pesquisa.

Diante deste fato, seriam interessantes investimentos no potencial que as turmas mistas possuem.

Das entrevistas

No relacionamento com outro sexo, poucos meninos citaram que menina seriam seus melhores amigos. Isso também ocorreu de maneira inversa. Percebes se

que a escola tem representado um espaço de segregação das relações de gênero quando devia propiciar ambiente que contribuísse com tais relações.

O esporte aparece como segregação entre meninos e menina, pois privilegiam habilidades que muitas meninas não têm. Poderia então não excluir o esporte da lista de conteúdos esportivos, mas sim atentar para o seu potencial educativo e não somente esportivo

De acordo com a pesquisa, não há problemas em meninos e meninas estarem juntos, mas sim ao realizarem juntos determinadas tarefas em que um ou outro apresentem grandes dificuldades.

Em turmas mistas, se mostrou um pouco mais consciente no sentido que ambos os sexos são capazes.

Uma das queixas dos meninos em turmas mistas é o desinteresse e displicência por parte das meninas.

Devemos lembrar que a educação física escolar não deveria ser voltada somente a iniciação ao esporte e a melhoria da condição física do aluno.

Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] Homens na educação física.

Helena Altmann

A dificuldade em ministrar aulas mistas não é apenas dos brasileiros. Países como Inglaterra e Espanha também lutavam contra aulas sem co-participação. Maria do Carmo Saraiva(1993) dizia que “é uma das mais difíceis tarefas da educação física”.

Altmann fundamenta-se em Abreu (1990) para afirmar que não são fatores apenas biológicos e variações de temperamento e habilidades entre sexo, mas também de ordem cultural, e a educação física mascara a construção social das diferenças elegendo o sexo como fator de agrupamento de alunos e alunas. Sendo de ordem cultural, feminino e masculino podem ser reaprendidos para uma busca de

igualdade social. Outra pesquisa citada pela autora, analisada também nessa monografia, é de Greice de OLIVEIRA (1996).

Assim como outras pesquisas analisadas nessa monografia (SOUSA, 1994 e OLIVEIRA, 1996), essa pesquisa também utiliza Joan Scott (1990) como uma referência importante para conceituar gênero. Entre as pesquisadoras brasileiras, Guacira Lopes Louro (1994) é uma referência indispensável nesses estudos. Sendo gênero um conceito sociocultural, ele enfatiza o caráter social baseado no sexo. Para BOURDIEU (1995), diferenças socialmente construídas acabam sendo naturalizadas construindo um social biologizado e legitimando uma relação de dominância. Em nenhum momento despreza-se as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas não se pode explicar tudo por ela.

Como metodologia, essa pesquisa fez uma etnografia, realizando uma descrição densa do cotidiano da escola principalmente nas aulas de educação física. Foi observado como meninos e meninas constroem relação de gênero atentando-se para suas ações e forma de interagir.

A instituição escolhida foi uma escola municipal com alunos na faixa etária de 11 a 15 anos (totalizando 132) onde meninos e meninas realizassem aulas de educação física juntos. Durante o recreio, os espaços físicos nas quadras esportivas eram diferenciados por gênero. Meninos e meninas na quadra de queimada e meninos somente na quadra poliesportiva, onde jogavam futebol.

Quando as aulas eram esportivas, a dominância era masculina. Todos os cargos de comandos eram ocupados por meninos e, quando uma menina participava, tinha cargo inferior. A vinculação dos esportes ao universo masculino também pode ser vista pelas camisetas das equipes durante as olimpíadas escolares. Elas eram marcadas com desenhos agressivos de figuras masculinas fortes e amedrontadoras. Sem nenhuma imagem feminina vinculada, fica sugerido que esportes são para homens. Mulheres devem adaptar-se ao mundo masculino do esporte.

A pesquisa observou que meninos que transgrediam as normas com mais frequência que as meninas também, o que também foi apontado com outras pesquisas (CONNEL, et. al., 1995, p.84). Opor-se à escola é um meio de afirmação de masculinidade. Mas isso não significa que meninas não se oponham à escola, a

oposição das moças pode ser vista como um protesto a feminilidade, pois desafiam a subordinação como mulheres.

Meninas na escola, ao obedeciam às normas com mais frequência e conquistavam assim a cumplicidade da professora, alcançando assim alguns de seus objetivos. No entanto, a intervenção docente pode só até certo ponto ser interpretada como dependência feminina, pois elas sabiam fazer de uma dependência aparente uma estratégia de conquista.

A “acomodação e resistência” eram visíveis no cotidiano da escola. Meninas pulando e batendo os pés na parede; meninos negando-se a jogar futebol mostram que há momentos que determinadas expectativas de gênero não são correspondidas. A associação do esporte com a masculinidade variava de acordo com a modalidade esportiva. Futebol era considerado masculino e, quem praticasse, era associado à masculinidade.

Contudo, vitimizar as meninas colocando-as como dominadas e os meninos dominantes significaria coisificá-las, desconsiderando a possibilidade de resistência e exercício da dominação.

Com a união dos alunos para aulas de turmas mistas, pode-se identificar também outro problema: o da exclusão. A autora mostra que em aulas mistas os meninos chegam a ser três vezes mais participativos que as meninas. Por outro lado, as exclusões não eram exclusivamente de gênero, mas estavam associadas a habilidade e força. Deste modo, apesar de verificar que meninos participam mais, não podemos generalizar e dizer que meninas são excluídas por serem mulheres.

De maneiras próprias, os alunos construíram uma visão oposta de gênero. No entanto, mesmo nessa divisão surgem algumas rupturas que são a formação de grupos mistos.

A idéia de que meninos deveriam praticar esportes, colocavam expectativas de que meninos deveriam ser superiores às meninas. Jogar pior que elas era considerado um vexame. Portanto jogar com meninas não eram um desafio e sim uma ameaça.

Entretanto a rivalidade não era apenas de gênero. Em jogos competitivos um companheiro que não tinha uma boa coordenação motora era excluído. As exclusões eram praticamente inertes aos jogos esportivos sendo que em outros tipos de jogos cooperativos, o lúdico e o clima de paquera garantia o convívio misto dos alunos.

Jogos, brincadeiras e esportes propiciavam simultaneamente meios de controlar e de cruzar fronteiras de gênero e da sexualidade, criando oportunidades de meninos e meninas estarem juntos. Gozações e reclamações entre os sexos eram maneiras de comunicação entre os estudantes, uma maneira de se relacionarem.

Algumas das conclusões da pesquisa é de que a postura docente (intervenção) é uma referência e pode ajudar a definir como meninos e meninas agem e se relacionam entre si. Sobre as exclusões, pode se concluir que não se tratam apenas de gênero: habilidades, força e idade também são citadas.

Aulas mistas de educação física são recentes no cenário brasileiro, sendo que em algumas regiões ainda são separados por sexo. No entanto, co-educação não se garante apenas colocando alunos e alunas juntos, sem prévia programação e preparação dos docentes.

Quando o professor separa meninos e meninas, estabelece uma divisão entre extremos no gênero. Ele considera que somente as diferenças de gênero são importantes. A aula acaba dizendo aos alunos que eles não têm a possibilidade de cruzar fronteiras de gênero e eliminam com antecedência a possibilidade dos jovens escolherem se querem ficar juntos ou separados.

Meninos pra cá, Meninas pra lá

Neíse Gaudencio Abreu

Segundo a obra, as diferenças biológicas não deveriam impedir o convívio integrado de ambos os sexos. Em sua análise ela diz não pretender atenuar e nem negar as diferenças entre sexo, contudo, argumenta que, algumas diferenças devem-se a características específicas de temperamento que precisam ser analisadas.

O seguinte problema dessa pesquisa é o que conduz esse trabalho: “A educação física, em sua ação pedagógica, ao optar por aulas separadas ou mistas, esta mantendo valores conservadores nas relações humanas, deixando de oportunizar questionamentos relevantes na formação do educando? Através da separação das turmas por sexo nas aulas de educação física, há uma negação de possíveis conflitos que poderiam ser questionados e trazidos em debate a respeito das relações humanas”? (ABREU, 1990, p. 17).

O seu objetivo é analisar o contexto social e a identificação de estereótipos/opiniões das pessoas envolvidas e posteriormente levantar alternativas para mudanças nos possíveis problemas encontrados.

Trabalhando a hipótese de que meninos e meninas se privam da convivência integrativa e discussões de gênero, sendo que em turmas mistas, poderia se ofertar oportunidades de discussão da discriminação do sexo feminino e estereótipos sociais.

Como metodologia, a pesquisa entrevistou docentes sobre o tema aulas mistas e separadas; e o porquê dessa escolha. Mostrou também o que os discentes acham do assunto e a maneira que eles agiam nas diferentes circunstâncias. A pesquisa foi realizada na área urbana do município do Rio de Janeiro com alunos da quinta a oitava série, já que, no 1º seguimento (1º a 4º série), era facultativo o professor ser especializado em educação física. No 2º grau, seria impossível, pois a rede municipal não atende esse nível de ensino. 15 docentes que ministram aulas mistas e 15 que ministravam aulas separadas e 15 discentes que tiveram aulas mistas e 15 discentes que separadas participaram da pesquisa. Dos 15 docentes que ensinam turmas mistas, 7 eram homens e 8, mulheres.

Dos professores que atuam em turmas separadas por sexo, 40 % disseram já encontraram a turma assim; outros 40% comunicaram que foi devido a necessidade de oferecer conteúdos diferentes. Os outros 20% alegaram desconforto com turmas grandes e falta de horário adequado. Foi percebido que há uma vontade por parte dos docentes em manter a turma separada entendendo que é mais fácil trabalhar com elas, pois diminuem os atritos.

Desse mesmo grupo foi relatado que 80% gostam desse método de aula (separada) justificando pelo ponto de vista tecnicista alegando que quanto mais homogêneo o grupo, mais o rendimento aumenta.

Em contrapartida, dos docentes que ministram aulas mistas, 73% acham bom ter aulas mistas e argumentam que a melhora no relacionamento é aumentada e que o entusiasmo dos meninos melhoram a aula. 80% dos docentes dizem ser indiferentes ao preferir trabalhar com meninos ou meninas.

Nas aulas mistas, 67% dos professores vêem como aspecto negativo a inibição das meninas, logo a autora pode concluir que essa inibição é consequência de habilidades, ou seja, a incompatibilidade dos sexos em aulas mistas devido ao desnível de habilidades.

Um fato interessante levantado pela pesquisadora é de que 66% dos professores entrevistados não pensaram em outra forma de divisão da turma, mostrando o quanto longe está esse assunto de incitar questionamentos.

Outro fato interessante é que, segundo a pesquisa, 73% dos professores disseram não ter discutido a temáticas turmas mistas/separadas com os alunos. Isso mostra que a maioria dos alunos não participam na elaboração das discussões no processo de ensino aprendizagem.

Outro tópico interessante na pesquisa eram que 43% dos professores tiveram em sua formação acadêmica, aulas separadas por sexo. “...O fato de os docentes não ter vivenciado essa pratica no seu curso de formação, dificulta em parte a aplicação de atitudes questionadoras no seu trabalho.” (ABREU, 1990, p. 86).

Os docentes mostram-se receptivos quanto às discussões e reflexões que podem ser extraídos do grupo. Logo, uma análise mais profunda e consistente poderia ser adotados por eles.

Como já observado no corpo docente, também o corpo discente justifica as aulas separadas mais pela habilidade. Sobre esse assunto, a autora diz que as meninas têm menos habilidades por motivos culturais, pois elas não têm as mesmas experiências de base esportiva que os meninos em suas infâncias.

Dos alunos com aulas mistas, 75% dizem ser positivo, alegando a integração social, troca de experiências e a grande determinante que é a animação. 44% dos alunos que fazem aulas separadas dizem que não é chato, parecendo estar satisfeitos com esse tipo de aula.

Tanto meninos e meninas em aulas separadas se privam da convivência integrativa e discussão de conflitos. A opção por esse tipo de aula vem dos docentes ou de instituições, que alegam que, quanto mais heterogêneo for o grupo, mais possibilidades de aparecimento de características dos alunos envolvidos na atividade, sejam elas biológicas ou culturais.

Nas turmas mistas, as oportunidades de discussão sobre discriminação e estereótipos sociais acontecem. Mas, aulas mistas por si só não garante reflexão sobre os conflitos sociais de homens e mulheres, e, se, nada for feito, os filhos dessa geração também sofreram com os mesmo problemas.

Conclui-se que as discriminações também são devido a habilidades motoras, pois meninos com menos habilidades no grupo também são discriminados.

Logo, conclui se que a predisposição em não aceitar meninas, seria devido experiências de falta de habilidades motoras por parte delas ao longo da historia. E que a falta de habilidades vem da falta de prática que é oriunda de fatores culturais, tais como as brincadeiras, divisão de tarefas causadas pela família e o reforço da mídia influenciando a sua educação.

Esses fatos que são culturalmente adquiridos são passíveis de transformação. A educação física pode promover a diminuição das desigualdades motoras e de sexo, promovendo, quem sabe, certo grau de harmonia entre homens e mulheres.

4 ANÁLISE TEMÁTICAS A PARTIR DE ALGUNS TEMAS

A partir das idéias defendidas pelos autores, podemos chegar a três pontos de análise a partir dessas obras: separação; Conteúdo; e vantagens e desvantagens das aulas mistas.

Serão consideradas relações entre as pesquisas estudadas, comparando-as, mostrando pontos de semelhança e de diferença, e um dialogo com os resultados, analisando os itens que permaneceram e os que mudaram na educação física.

4.1 Separação

Apesar de estarem no mesmo ambiente, de maneira geral, alunas e alunos são separados nas aulas de educação física, essa separação, segundo Eustáquia Souza, está relacionada ao fato de que, historicamente, a atividade física era incluída no currículo com o objetivo prevenir e curar os “padecimentos nervosos e os hábitos perigosos da infância” (SOUZA, 1994 apud SOARES, 1994), logo, era diferenciada a atividade física dos homens (educação do caráter viril) e das mulheres (harmonia das formas femininas). A atividade física também estava incumbida de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir sua missão da maternidade e a beleza para exercer seus papéis de esposas, funções exercidas a sombra do lar e dos homens. Homens e mulheres tinham papéis distintos na sociedade e isso refletia nas aulas de educação física.

O posicionamento dos autores pesquisados nessa monografia de conclusão de curso em maioria são pró aulas mistas como poderemos acompanhar no quadro abaixo.

Tabela 3 Posicionamento dos autores sobre aulas mistas

Posição	Abreu	Romero	Saraiva	Souza	Oliveira	Ferreira	Altmann	Verbena	Duarte	Pereira	Devide
Somente turmas mistas			X	X	X	X		X	X	X	
Turmas mistas e separadas							X				
Implícito que são a favor de turmas mistas e outras divisões que não por sexo	X	X									X

Constatado que a maioria dos autores se assemelha ao defenderem invariavelmente turmas mistas alegando que diferenças biológicas não deveriam interferir no convívio entre os/as estudantes.

Souza e Abreu em momento algum negam as diferenças entre meninos e meninas, mas não concordam em separá-los com justificativas biológicas do rendimento.

Helena Altmann (1998), que considera a possibilidade da variação da turma por sexo, atenta para o fato de que posicionar-se invariavelmente contra turmas separadas e a favor de turmas mistas acaba sendo uma posição radical, na qual, em alguns momentos, meninas não exploram o seu máximo potencial por estarem sendo inibidas pelos meninos.

Nossa opinião é que a possibilidade de turmas separadas depende do conteúdo, pois pensamos que radicalizar não é o melhor caminho, visto que ambas as formas de organização trazem vantagens a alunos e alunas. A Educação Física escolar deve ir em busca de uma educação plural, e, para isto, deve explorar todos os instrumentos, estratégias e metodologias que colaborem para este fim.

Até a metade da década de 1980, as turmas eram separadas por sexo, não existiam estudos e questionamentos sobre o assunto. Era tratado da mesma forma que se tinha introduzido e justificado pelas bases biológicas entre homens e mulheres.

Hoje, apesar de o esporte ser o principal conteúdo da educação física, e ser utilizado como responsável para a separação de meninos e meninas, ele não é o primeiro, nem o principal responsável, pois meninos e meninas já eram separados antes disso nas aulas de educação física, no conteúdo ginástica, como mostra SOUZA (1994).

Pela força da lei de 1987, que implantava aulas mistas, o final da década de 1980 e início da década de 1990, intensificou a discussão sobre turmas mistas.

4.2 Conteúdo

Unindo alunos em turmas mistas, podemos identificar outro problema: o da exclusão. Helena Altmann (1998) mostra que, em aulas mistas, os meninos chegam a ser três vezes mais participativos que as meninas.

As exclusões não são exclusivamente de gênero, mas estão associadas à habilidade e força. Deste modo, apesar de verificar que meninos participam mais, não podemos generalizar e dizer que meninas são excluídas por serem mulheres. O conteúdo que nas aulas de educação física como a maioria dos autores verificou são esportivos, influenciaram e influenciam para que aconteçam exclusões.

As exclusões são partes dos jogos esportivos sendo que em outros tipos de jogos como os cooperativos e lúdicos poderiam garantir o convívio misto dos alunos.

Co-educação, como constatado por Neise Gaudêncio Abreu (1990), não se garante apenas colocando alunos e alunas juntos, sem prévia programação dos conteúdos preparados pelos docentes. Tal questão também é defendida por Saraiva (1993)

Os maiores atritos entre meninos e meninas ocorridos dentro das aulas de educação física são durante as aulas esportivas, pois elas incentivam a competição. Percebemos que não somente gênero é a causa da separação dos alunos, conteúdos também estão ligados a exclusão. A incompatibilidade dos sexos em aulas mistas esportivizadas e o desnível de habilidades motoras são um grande problema na educação física atual.

A postura docente pode influenciar a relação entre meninos e meninas. Uma postura docente participativa e eficaz poderia diminuir as exclusões até nas atividades esportivas competitivas.

Portanto, os conteúdos das aulas são possíveis critérios de separação dos alunos e das alunas nas aulas de educação física. Meninos e meninas excluem e são excluídos principalmente nos jogos competitivos sem intervenção coerente dos docentes.

Também é importante destacar que os conteúdos trabalhados em aulas de educação física analisados pelas pesquisas são esporte e jogos. A pesquisa histórica de Eutáquia Sousa (1994) refere-se também a ginástica. Não há análises feitas em aulas de educação física com outros conteúdos, como dança e lutas, por exemplo. Eis aí outra lacuna onde novas pesquisas podem ser desenvolvidas na área.

4.3 Vantagens e desvantagens de aulas mistas

Com exceção de Altmann (1998), que é a favor de turmas mistas, mas admite a possibilidade das aulas separadas entre os sexos, dependendo do conteúdo aplicado, e que isso não seria considerado exclusão, pois o professor levaria métodos para desenvolver o melhor potencial dos alunos, todos os(as) outros(as) autores(as) são incondicionalmente a favor de turmas mistas exclusivamente.

Alegam que nossa sociedade já tem caráter discriminatório em relação a gênero e que em uma ambiente escolar, mais precisamente nas aulas de educação física, não deveriam ocorrer tais separações, a fim de evitar que essas atitudes preconceituosas em relação ao sexo fossem banidas e priorizar a convivência entre homens e mulheres para que isso reflita também na sociedade.

A hipótese de que meninos e meninas se privam da convivência integrativa quando estão em ambientes separados e em contrapartida vemos turmas mistas com toda a problemática da união dos sexos em ambiente único, sendo discutida e trabalhada para uma diminuição dos estereótipos sociais, nos faz escolher a perspectiva das turmas mistas, com a mesma ressalva proposta por Altmann(1998).

Estudos americanos da década de 1990 mostravam que as respostas fisiológicas e bioquímicas ao exercício físico eram praticamente idênticas entre homens e mulheres, diferenciando-se na magnitude e não na função fisiológica e mecânica. Através da comparação entre os resultados da evolução das turmas mistas e separadas por sexo feito por OLIVEIRA (1996) pôde se concluir que não se pode estabelecer dependência direta dos resultados do desenvolvimento dos aspectos motores. Algumas poucas diferenças foram verificadas, no entanto, de maneira geral não evidenciaram efetivamente que turma mistas ou separadas obteve melhores resultados na maioria das variáveis.

Portanto, desculpa ou justificativa de que turmas mistas de educação física prejudicam o desenvolvimento dos aspectos motores dos alunos não foi confirmado pelos resultados desta pesquisa. Diante deste fato, seriam interessantes investimentos no potencial que as turmas mistas possuem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que cientificamente produziu-se pouco na área e conseqüentemente poucos docentes tem acesso a essa temática ao longo da sua formação, logo pouco é discutido entre professores e alunos durante a construção das aulas de educação física. Fica evidenciado um baixo grau de co-decisão que é defendido por Hildebrand (1986) em concepções abertas da educação física.

Na educação física, fica evidente as dificuldades de relacionamento que levam a um melhor aprendizado de conteúdos. Quase não se percebe a dimensão afetiva e inter racional dos relacionamentos, deixando a entender uma mensagem subliminar no consenso de discentes e docentes para que as aulas sejam separadas.

No entanto, co-educação como constatado por Neíse Gaudêncio Abreu (1990) e Maria do Carmo Saraiva (1993) não se garante apenas colocando alunos e alunas juntos, sem prévia programação dos conteúdos preparados pelos docentes.

Helena Altmann (1998), que considera a possibilidade da variação da turma por sexo atenta para o fato de que contestar invariavelmente turmas separadas e defender turmas mistas acaba tornando-se radical, onde, entre outros, em alguns casos meninas não exploram o seu máximo potencial por estarem sendo inibidas pelos meninos.

Nosso posicionamento é que aulas deveriam ser mistas, contudo não haveriam problemas em aulas separadas por sexo desde que haja objetivo específico com total planejamento do docente.

Certamente existem diferenças entre os sexos, e nenhum trabalho negou essa afirmação, contudo essas diferenças não deveriam continuar sendo generalizadas para outras situações em que haja diferenciação.

Logo, verifica se que a predisposição de meninos em não aceitar meninas na prática de atividades físicas, seria devido à falta de habilidades por parte delas. Inabilidades são resultantes da falta de prática, que por sua vez, são oriundas de

fatores culturais, tais como as brincadeiras, divisão de tarefas causadas pela família e o reforço da mídia influenciando a sua educação.

Dados como estudo da Greice Kelly de Oliveira (1996) onde prova que aulas separadas não melhoram significativamente capacidades físicas e habilidades motoras são importantíssimas, pois auxiliam no processo de transformação de preconceitos e mitos existentes, não buscando extinguir diferenças de gênero, mas sim respeitá-las e não hierarquizá-las.

Aulas separadas são culturalmente adquiridas, logo são passíveis de transformação. A educação física pode promover a diminuição das desigualdades corporais e de gênero, promovendo, certo grau de harmonia entre homens e mulheres

Quando o professor separa meninos e meninas, estabelece uma divisão entre extremos no gênero. Considera que somente as diferença de sexo são importantes em uma aula.

Desde a pesquisa da Eustáquia Salvador de Souza (1994), com dados de um século, até a contemporaneidade dos outros autores, percebemos que a educação física quase sempre foi constituída de separação dos sexos, e que a dificuldade em encontrar trabalhos que abordam esse assunto, mostram quão longe estamos do ideal. E que, nessa nossa sociedade onde mulheres sofrem rotineiramente com os preconceitos da sociedade e muitas delas sequer tem conhecimento de que estão sofrendo discriminações de gênero, percebemos que esse assunto esta longe de ser sanado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. G.. **Meninos pra cá, meninas pra lá**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF. 1990.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. UFMG, Belo Horizonte, 1998
- APPLE, M. W. **Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.60, p03-13, fev.1987.
- BADINTER, E..XY- **Sobre a identidade masculina**. Trad Maria Ignez Duque Estrada. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.266 p.(Titulo Original: XY- De l'identité masculine)
- BARBOSA, R.. **Obras completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1947. v.10,t.111, p.28-32.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil, a historia que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.
- CONNEL R.W. ET AL. **Estabelecendo a diferença: escolas, familias e divisao social**. 7. ed trad. Ruy Dias Pereira. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995. 228 p.
- DAOLIO, J.. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.
- DEVIDE, F. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- DUARTE, C. P. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

FERREIRA, J. L. **As relações de gênero nas aulas de educação física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, João Pessoa, 1996.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** 1º ed. Campinas : scipione, 1989.

GRACIANO, M. **Contribuições da psicologia contemporânea para compreensão do papel da mulher.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.15, p.145-150, dez. 1975.

GRUGEON, E. **Implicaciones Del gênero em La cultura Del pátio de recreo.** In:WOODS, Peter e HAMMERLEY, Martyn.(Ed.) Gênero, cultura y etnia em La escuela.informes etnográficos. Barcelona Espanha: Ministério da Educación y Ciência, 1995, p 23-47.

HILDEBRANDT, R. & LAGING, R.: **Concepções abertas no ensino da educação física.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico. 1986.

LEITE, D.M. **Psicologia Diferencial.** São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, G. K. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais.** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

OLIVEIRA, G.K. **Aulas de educação física para turmas mistas: mitos e verdades.** Campinas : Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas,1992(monografia especializada em educação física escolar).

PEREIRA, S. A. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

Revista Brasileira Ciências Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.

ROMERO, E. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da educação.** 2º Ed. São Paulo: Difusão européia do livro, 1973.

SARAIVA, M. C. S. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SOARES, C. **Educação física; Raízes européias e Brasil.** Campinas: autores associados, 1994. (Coleção educação contemporânea).

SOUZA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994).** Campinas. 1994.

SCOTT, J. **Gênero; uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade.** Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez,1990. Numero especial Mulher e Educação.

VERBENA, E. C. G. **Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2001.

WHITAKER, D. **Mulher e Homem. O mito da desigualdade.** São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ANEXO 1- Resumos das 11 pesquisas

Elaine Romero (ROMERO, 1990)

Em sua tese de doutorado sobre estereótipos masculinos e femininos em docentes, constatou que a escola é reprodutora de uma ideologia sexista. Segundo ela, fora da escola os meninos são mais estimulados a desenvolver a coordenação ampla, o que os favorece nas aulas de Educação Física escolar, enquanto as meninas são educadas num padrão de comportamento que reforça a submissão, a dependência e a repressão ao corpo, o que as impede de desenvolver de modo adequado a motricidade, gerando dificuldade maior nas aulas.

O professor de Educação Física deveria preocupar-se em amenizar as questões conflituosas acerca de comportamentos sexuais culturalmente estereotipados. Nas aulas, pelo fato de os meninos serem mais desenvolvidos nos aspectos físico-motor, eles passam a ter mais oportunidades e a receber mais atenção dos professores. Por isso, aulas com conteúdos esportivos tendem a favorecer os meninos. Quando a aula é jogo, geralmente os meninos vão para o futebol, e as meninas, para a queimada. A autora afirma que as atividades físicas não deveriam estar condicionadas ao sexo, o que nos permite inferir que é a favor dos mesmos conteúdos para meninos e meninas. A autora sugere que os pais professores e as mães-professoras se empenhem em oferecer igualdade de oportunidades para seus filhos e filhas. Sugere também que, na escola, não seja o sexo o fator determinante da prática curricular, e que a escola reveja suas práticas no sentido de tratar igualmente meninos e meninas. Constata, no universo pesquisado que, desde a pré-escola, as crianças são separadas por sexo para Educação Física.

Neíse Gaudencio Abreu (Abreu, 1990)

Segundo a obra, as diferenças biológicas não deveriam impedir o convívio integrados de ambos os sexos. Em sua análise ela diz não pretender atenuar e nem negar as diferenças entre sexo, Contudo, ela argumenta que algumas diferenças são devida a características específicas de temperamento que precisam ser analisadas.

Problema: “A educação física, em sua ação pedagógica, ao optar por aulas separadas ou mistas, esta mantendo valores conservadores nas relações humanas, deixando de oportunizar questionamentos relevantes na formação do educando”?

“Através da separação das turmas por sexo nas aulas de educação física, há uma negação de possíveis conflitos que poderiam ser questionados e trazidos em debate a respeito das relações humanas”? (ABREU, pág. 17, 1990). Com objetivo de analisar o contexto social e a identificação de estereótipos/opiniões das pessoas envolvidas e posteriormente levantar alternativas para mudanças nos possíveis problemas encontrados. A preocupação da autora consiste em que a educação física esteja mantendo e reforçando valores conservadores nas relações humanas faz a justificativa.

Trabalhando a hipótese de que meninos e meninas se privam da convivência integrativa e discussões de gênero, sendo que em turmas mistas, poderia se ofertar oportunidades de discussão da discriminação do sexo feminino e estereótipos sociais.

Como metodologia, a autora mostra como sua pesquisa investigou a opinião dos docentes sobre o tema aulas mistas e separadas; e o porquê dessa escolha. É mostrado também o que os discentes acham do assunto e a maneira que eles agiam nas diferentes circunstâncias. A pesquisa foi realizada na área urbana do município do Rio de Janeiro com alunos da quinta a oitava série, já que o 1º seguimento (1º a 4º série) era facultativo o professor ser especializado em educação física. No 2º grau seria impossível, pois a rede municipal não atende esse nível de ensino. Foi escolhido a participar da pesquisa 15 docentes que ministram aulas mistas e 15 que separadas e 15 discentes que tiveram aulas mistas e 15 discentes que separadas. Dos 15 docentes que ensinam turmas mistas, 7 são homens e 8 são mulheres. Conclui se também que as discriminações também são devido a habilidades motoras, pois meninos com menos habilidades no grupo também são discriminados.

Logo conclui se que a predisposição em não aceitar meninas, seria devido experiências de falta de habilidades motoras por parte delas ao longo da historia. E que a falta de habilidades vem da falta de prática que é oriunda de fatores culturais, tais como as brincadeiras, divisão de tarefas causadas pela família e o reforço da mídia influenciando a sua educação. Esses fatos que são culturalmente adquiridos são passíveis de transformação. A educação física pode promover a diminuição das desigualdades motoras e de sexo, promovendo, quem sabe, certo grau de harmonia entre homens e mulheres.

Maria do Carmo Saraiva (SARAIVA, 1993)

Em sua dissertação de mestrado, constata discriminações entre meninos e meninas na Educação Física e no esporte. Seu interesse pela pesquisa se deu pela dificuldade em ministrar aulas para turmas mistas. A partir de sua experiência profissional, ela afirma que rupturas nos relacionamentos entre meninos e meninas na Educação Física e no esporte são causadas pelo estereótipo sexual. O condicionamento aos estereótipos levou à discriminação dos papéis sociais de homens e mulheres e ordenou a mulher a papéis subordinados em relação ao homem. Em relação ao esporte como conteúdo central da Educação Física escolar, a autora diz que este reforça as diferenças patriarcais do sexo e gera uma socialização com sexos em separados. Reconhece duas correntes teóricas: uma progressista, que defende aulas com turmas mistas e aposta na educação como meio para melhorar as relações sociais; e outra corrente tradicionalista que defende aulas com turmas separadas por sexo e uma Educação Física escolar com fins de rendimento e aptidão física. A autora apresenta uma proposta de intervenção pedagógica baseada no conceito de co-educação, na qual, além das apresentações, análises e discussões sobre as questões de gênero fariam com que meninos ficassem no mesmo patamar das meninas e vice-versa. Meninos e meninas somente terão oportunidades iguais em aulas co-educativas.

A autora constatou que as meninas reclamam dos meninos por eles serem “agressivos” em suas atitudes com os erros delas. Os meninos também reclamam delas, dizendo que são muito “frescas” e não entendem o que elas querem na aula. As situações de conflitos e discriminação entre meninos e meninas, segundo a autora, podem ser sanadas com estratégias que privilegiem a cooperação e a solidariedade. Saraiva-Kunz (1993) defende os direitos da mulher e propõe uma Educação Física transformadora. O esporte, principal conteúdo da Educação Física escolar, pode ser praticado em turmas mistas, mas também em turmas separadas por sexo, nas quais a Educação Física escolar terá outros objetivos – afinal, as diferenças de força, agilidade e resistência pesam muito a favor dos meninos.

Eustáquia Salvadora de Sousa (SOUSA, 1994)

Em sua tese de doutorado, questiona a separação dos alunos por sexo, pois é francamente a favor das turmas mistas. Analisa a organização dos alunos por sexo em todos os níveis de ensino, de 1887 até 1994, descrevendo em cada momento da história como eram organizadas as turmas e por quais razões ocorriam as turmas mistas ou separadas.

Afirma que, em sua infância, gostava de brincar de boneca e futebol, mas a segunda atividade era um problema para seus pais, que não a viam com bons olhos.

Relata que, em 1987, as escolas estaduais funcionavam com turmas mistas de Educação Física, e que, em 1990, os professores de escolas municipais de Belo Horizonte se mobilizaram contra a implantação de turmas mistas. A adoção dessas turmas nos colégios estaduais e municipais gerou uma revolta dos docentes que, fundamentados em aspectos legais, nas diferenças biológicas e/ou psicológicas entre meninos e meninas, e na necessidade de se manter a qualidade de ensino, se uniram para revogar a norma. Todavia, a mesma foi mantida. Uma grande preocupação da autora é com a denúncia das questões de gênero que seriam facilitadas em turmas mistas. Ela propõe uma educação mista e sem discriminações, oportunizando a todos os alunos vivências lúdica.

Greice Kelly de Oliveira (OLIVEIRA, 1996)

Em sua dissertação de mestrado, verificou que se, por um lado, a separação dos alunos por sexo favorece um maior rendimento esportivo, por outro, com turmas mistas favorece o amadurecimento e a integração. A autora discute as diferenças sexuais e as adquiridas. Para ela, muitas diferenças consideradas naturais são construídas socialmente e, essas diferenças, muitas vezes privam meninos e meninas da convivência nas aulas de Educação Física.

Para ela, turmas mistas têm um potencial para melhor preparar o indivíduo para a vida extra-escolar, (desde que o professor dê a mesma atenção aos meninos e às meninas e que os considere com suas particularidades, tratando cada um de acordo com a sua individualidade). Baseada nos dados, a autora constata que, em vez de criar novos valores, a escola reproduz as relações de gênero. O futebol tem sido um dos principais motivadores da dificuldade de integração. A autora não considerou a possibilidade de aulas alternando as formas de distribuição. Privilegia os objetivos sociais na Educação Física escolar e defende que estes devem ser trabalhados melhor em aulas mistas.

José Luiz Ferreira (FERREIRA, 1996)

Em sua dissertação de mestrado observou aulas da escola primária e constatou que eram constituídas de três partes, em que o professor, conversava com a turma sobre a aula; orientava uma atividade mista; dividia meninos e meninas para jogarem futebol e baleada, respectivamente. Na análise dos dados, Ferreira (1996) identificou duas categorias: “contradição” na prática do professor e “participação” dos alunos. Existia uma contradição entre o discurso e a prática do professor, contribuindo para o quadro de discriminação entre meninos e meninas. Segundo Ferreira (1996, p. 68), o professor dizia que era importante a prática conjunta de meninos e meninas, mas “[...] negava ao final de cada aula a co-participação, separando a turma por sexo e fazendo para cada um dos grupos o tipo de atividade supostamente entendida como feminina ou masculina”. Sobre a segunda categoria, a “participação” nas aulas de Educação Física é maior para o sexo masculino: enquanto os meninos algumas vezes participavam da baleada, as meninas nunca participavam do futebol. O professor, durante as aulas, prestava mais atenção ao futebol dos meninos do que à baleada das meninas.

O autor defende que meninos e meninas tenham as mesmas oportunidades de participação nas aulas. Essa participação, segundo ele, só poderá ser alcançada a partir da compreensão das contradições da sociedade capitalista em busca de uma sociedade igualitária do ponto de vista de gênero. Ele acrescenta que a Educação Física é sexista, pois trabalha com turmas separadas para determinadas atividades e privilegia um sexo em detrimento do outro.

A partir de uma visão macro da sociedade, baseada no materialismo histórico-dialético, Ferreira interpreta as relações de gênero nas aulas de Educação Física como um espelho das relações capitalistas, em que uma minoria detentora de poder explora a maioria. Propõe que o professor tenha em sua prática pedagógica uma postura transformadora, buscando discutir, entre outras coisas, as questões de gênero. A partir de uma visão centrada nas questões de gênero, Ferreira (1996) considera apenas o caminho das turmas mistas como detentor de possibilidades de mudanças

Helena Altmann (ALTMANN, 1998)

Em sua dissertação de mestrado uma escola com turmas mistas, constatando que os meninos iam para o futebol, e as meninas, para o voleibol. Quando meninas jogavam futebol, alguns meninos na arquibancada chamavam-nas de “Maria-homem”. Dentre os problemas vividos nas turmas mistas, cita: meninas reclamavam de meninos por estes não passarem a bola; meninos reclamavam das meninas por estas errarem no jogo; meninas reclamavam que os meninos no voleibol ficavam chutando a bola; meninas reclamavam da violência dos meninos.

No jogo de voleibol, os meninos tocavam na bola três vezes mais do que as meninas. A autora verificou que a professora alterava as regras para aumentar a participação feminina no jogo. Essa alteração quebrava a dinâmica do jogo, e a responsabilidade era imputada às meninas, pois a professora havia mudado as regras por causa delas. Segundo Altmann (1998, p. 96), na escola, “[...] os jogos simultaneamente demarcavam e propiciavam meios de cruzar as fronteiras da masculinidade e da feminilidade, possibilitando, ainda, relações variadas entre meninos e meninas”. Ao cruzarem as fronteiras, as meninas ofereciam resistência à dominação masculina. Altmann (1998) admite que o ensino de Educação Física para turmas mistas apresenta vantagens e desvantagens. Os alunos ora respondiam que eram melhores as turmas separadas por sexo, ora que não eram. (((Os gostos deles variavam segundo: I) a atividade; II) quem estivesse jogando; III) o momento em que ocorresse a atividade (aula, recreio, competições esportivas); IV) o número de participantes (com muitos participantes ocorriam mais conflitos).

Conclui que as formas de organização dos alunos por sexo na Educação Física podem variar de acordo com as circunstâncias e atividades realizadas. Admitindo ainda a possibilidade de variar as formas de distribuição dos alunos por sexo. Afirmando serem bem aceitas tanto as turmas mistas quanto as separadas por sexo.

Eliete do Carmo Garcia Verbena (VERBENA, 2001)

Em sua dissertação de mestrado, constatou que as aulas de Educação Física nas 7ª e 8ª séries eram ministradas fora do horário normal das outras disciplinas, com turmas separadas por sexo. Para a autora, existe uma distinção entre o que se espera de meninos e de meninas. Delas espera-se coordenação motora fina, reforçando as características de harmonia e delicadeza. Deles, o incentivo à prática de atividades físicas que desenvolvam a coordenação ampla, num ambiente em que não é permitido chorar, numa forma de treinamento para a vida do trabalho. Segundo Verbena (2001) é necessária a atuação docente no sentido de romper com a ideologia sexista que reina na sociedade e desenvolver o respeito entre meninos e meninas combatendo a discriminação e os preconceitos, principalmente em relação às meninas.

A autora constatou o domínio dos espaços esportivos pelos meninos e as agressões verbais dos meninos contra as meninas, dificultando o trabalho misto, devido a uma ideologia machista que impera no mundo esportivo masculinizado. Mostra o quanto é difícil implementar ações com turmas mistas nas aulas de Educação Física, principalmente quando o conteúdo é o esporte.

Na entrevista que realizou com os discentes, perguntou o que eles pensavam das aulas com turmas mistas. As meninas, na sua maioria, foram contra, e os meninos, na sua maioria, foram a favor. Os que foram a favor das aulas com turmas mistas apresentaram os seguintes argumentos: I) troca/ ajuda; II) prazer; III) respeito; IV) conteúdos variados. Já os que foram contra as aulas com turmas mistas, na sua maioria meninas, apresentaram as seguintes justificativas: interesses diferenciados; agressividade; habilidade masculina/inabilidade feminina; falta de privacidade; adequação esportiva.

Cátia Pereira Duarte (DUARTE, 2003)

Em sua dissertação de mestrado, investigou o “por que ainda se admite separação de atividades de acordo com os sexos nas aulas?”.

Em aulas que deveriam ser com turmas mistas, flagrou as turmas separadas por sexo para as atividades; “[...] todos os professores, embora concebendo suas aulas como mistas, preferem separar os meninos das meninas” (DUARTE, 2003, p. 94). Eles justificam dizendo que as diferenças interferem na aprendizagem. Apesar da Secretaria Municipal de Educação determinar aulas com turmas mistas, o quadro de separação prevalecia. De quatro docentes, três separavam os alunos nas aulas. Um dos motivos era não expor as poucas habilidades das meninas à gozação dos meninos. Outro motivo alegado era que os meninos são brutos e as meninas são mimadas.

Quando o educador solicitava que os educandos realizassem atividades em grupo, meninos se aproximavam de meninos, e meninas de meninas. A autora defende de forma convincente as turmas mistas.

Sissi Aparecida Martins Pereira (PEREIRA, 2004)

Em sua tese de doutorado, encontrou preferência para as turmas separadas por sexo para as atividades lúdicas, embora a escola oriente as docentes para que as aulas se dêem com turmas mistas. Na coleta dos dados, a maioria dos desenhos dos alunos mostra a separação de meninos e meninas para as atividades. A autora constatou que ambos ocupavam espaços diferentes nas atividades lúdicas na hora da recreação. Poucos meninos brincavam junto com as meninas no pátio, e estas brincavam menos ainda com os meninos no campo de futebol. A autora se posiciona a favor das turmas mistas e critica a separação: “A escola tem papel social fundamental e causa preocupação a separação por sexo nas aulas de Educação Física. Se os alunos estão freqüentemente solicitando esta separação, a conduta acrítica do professor acaba permitindo que as diferenças continuem se arrastando”. (PEREIRA, 2004, p. 29)

Como a motivação é um fator importante no processo ensino-aprendizagem, os professores podem aproveitar a tendência de meninos e meninas de fazerem atividades separadas por sexo para desenvolverem suas aulas, ora mistas, ora separadas. A habilidade ocupa lugar importante no estudo: “Os meninos não querem jogar com as meninas nem com os menos habilidosos” (PEREIRA, 2004, p. 29). Segundo ela, a separação entre meninos e meninas se origina na sociedade e é perpetuada pela escola. Os meninos e meninas possuem gostos diferentes entre si, o que fica comprovado em suas condutas. Se trabalharmos só com atividades mistas não estaremos restringindo os potenciais masculinos e femininos que se expressam com mais intensidade nas aulas de educação física escolar. Com certeza, alguns objetivos são muito melhor desenvolvidos em turmas separadas.

Fabiano Pries Devid (DEVIDE, 2005)

No decorrer da construção de sua tese de doutorado , deparou com a escassez, no Brasil, de produções acadêmicas sobre o tema gênero na interface com o esporte com foco nas mulheres, assim como a inexistência de produções que abordassem a inserção e abordagens dela no esporte de rendimento. Isso se constitui na motivação central deste texto sobre as mulheres no esporte, com ênfase em sua trajetória nos jogos olímpicos modernos.

Os objetivos buscados atingir são: apresentar abordagens teóricas sobre a discussão gênero no esporte a partir dos pontos de vista de intelectuais que vem investigando a temática em diversas realidades, no mundo; e contribuir para a construção do conhecimento sobre a história das mulheres no esporte, permeada por uma crítica acerca da categoria de gênero, com foco nas mulheres, nas múltiplas relações que podem ser construídas e interpretadas a partir do fenômeno do esporte moderno.

O livro é dividido em duas partes, onde , na primeira “Gênero, Mulheres e esporte”, procuro dar visibilidade a discussão da participação feminina no esporte, com foco na temática do gênero e da inclusão “real” das mulheres no cenário esportivos.

Dando continuidade ao texto ingresso na temática do *esporte enquanto área de reserva masculina*, procurando tecer uma diversidade de autoras/es que abordam o assunto por diferentes facetas, como a Sociologia e a História, focalizando aspectos como o pertencimento sexual no esporte, a questão da igualdade entre os sexos e a proposição de novas abordagens para o esporte.

Na segunda parte denominada de “História das Mulheres nos Jogos Olímpicos modernos”, abordou-se a trajetória e barreiras transpostas pelas mulheres no maior evento esportivo do planeta, que possibilita divulgar globalmente imagens de mulheres ativas, aptas e fortes, que tendem a ser interpretadas e incorporadas no cotidiano da humanidade, contribuindo para uma mudança gradativa das representações sobre a mulher atleta. Torna-se um espaço privilegiado para difundir as conquistas femininas no esporte, que se constitui uma força positiva na emancipação da mulher na sociedade.

O gênero pode ser visto como aspecto modelar na experiência das mulheres no esporte de alto rendimento e os jogos Olímpicos propiciam lentes para expor cada mensagem que representa a reserva masculina existente neste evento, que desde sua reinauguração, pelo barão Pierre de Coubertin , em 1896, vem se constituindo num fórum destinado a enaltecer a força, a virilidade, a coragem e a masculinidade por meio da ação corporal atlética competitiva.

Apesar do aumento da participação de mulheres nos Jogos Olímpicos e do número de modalidades olímpicas destinadas a elas estar em quase paridade com os homens, ainda estão sujeitas as instituições que regulam o esporte feminino e sua participação em âmbito nacional e internacional. Mesmo hoje é fácil a mulher ser admitida em modalidades que não comprometem a sua “femilnilidade”, o que contribuiu para a instituição de modalidades destinadas a elas, como o nado sincronizado e a ginástica rítmica desportiva.